



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

MULTIPLICIDADES NARRATIVAS EM PALOMA VIDAL

Tanira Rodrigues Soares, Zilá Bernd (orient.), Eurídice Figueiredo (coorient.)
Universidade La Salle

Resumo

O artigo aborda a multiplicidade narrativa em Paloma Vidal na coletânea *A duas mãos* (2008), *Mais ao Sul* (2008) e nos romances em *Algum Lugar* (2009) e *Mar Azul* (2012). O referencial teórico está pautado em Benjamin (2012), Santiago (2000; 2002), Ginzburg (2012), Dalcastagné (2016), Agamben (2009), Schøllhammer (2009) e Bhabha (2013). A escrita “palomística” situa-se no fazer literário contemporâneo, onde o ser intempestivo está presente e o narrador não tem mais uma visão total do enredo.

Palavras-chave: *Narrador; Literatura.*

Área Temática: Ciências Humanas

1. Introdução

O presente artigo tem como temática a multiplicidade narrativa em Paloma Vidal, cujo objetivo geral consiste na análise da produção da autora; já os objetivos específicos são: enfocar a teoria do narrador através de teóricos referendados e identificar as especificidades do narrador em alguns contos da coletânea *A duas mãos* (2008) e *Mais ao Sul* (2008), além dos romances em *Algum Lugar* (2009) e *Mar Azul* (2012).

A justificativa para a escolha do tema tem ligação direta com a produção literária feminina que emerge no contexto brasileiro contemporâneo em que os textos produzidos por mulheres evidenciam a utilização de uma multiplicidade narrativa, ao mesmo tempo em que estas produções trazem para a discussão a separação entre escritor, narrador e personagem; são escritoras que concedem voz ativa aos seus personagens femininos, estabelecendo um olhar reflexivo e plural.

Inicialmente, será apresentada a escritora Paloma Vidal, com uma breve biografia e descrição de suas obras para, posteriormente, enfocar a multiplicidade narrativa de Paloma Vidal considerando os estudos de Benjamin (2012), Santiago (2002), Ginzburg (2012) e Dalcastagné (2016) com relação à tipologia dos narradores presentes no fazer literário. Já os teóricos Agamben (2009) e Schøllhammer (2009) para a definição do contemporâneo na literatura brasileira e os estudos de Santiago (2000) e Bhabha (2013) para referendar o espaço intersticial, intervalar, que surge a partir da produção literária contemporânea.

A escrita de Paloma Vidal situa-se no fazer literário contemporâneo, onde o ser intempestivo está presente, as inquietações são pulsantes, a produção literária não oferece verdades absolutas, e a heroicidade cedeu lugar para a dúvida, à incerteza, ao incompleto. O narrador não tem mais uma visão total do enredo e não mais detém todos os conhecimentos sobre os personagens, assim como a narrativa não se apresenta de forma linear, com começo, meio e fim, mas de maneira fragmentada, quebrada, estilhaçada, cabendo ao leitor estabelecer as conexões.

2. Marco Teórico

Abordar aspectos característicos do narrador contemporâneo presente em Paloma Vidal, especialmente em suas obras que englobam romances e contos, permite o descortinar de uma discussão evidenciada no contexto literário brasileiro, especialmente nas reflexões



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

teóricas e críticas que apontam para tendências e direcionamentos da literatura brasileira contemporânea.

Salienta-se que por contemporâneo entende-se aquele ser humano que consegue realizar uma leitura do seu tempo, inserindo-se nos questionamentos e inquietações, conforme expressa o pensamento de Agamben (2009, p. 62), manifestando que: “[...] é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro”. Portanto, o contemporâneo vive o presente e tem conhecimento da sua fragmentação no tempo e no espaço, reflete sobre as potencialidades deste presente e investiga as possibilidades de rememorar-lo em frações do vivido e do não vivido; é intempestivo e a relação com o presente é marcada pela desconexão e dissociação (AGAMBEN, 2009). Ao incorporar a complexa realidade que o cerca, o fazer literário contemporâneo mescla a dimensão subjetiva com as problemáticas sociais, pois a

[...] literatura contemporânea não será necessariamente aquela que representa a atualidade, a não ser por uma inadequação, uma estranheza histórica que a faz perceber as zonas marginais e obscuras do presente, que se afastam de sua lógica (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 10).

Cabe salientar que nos estudos de Karl Erik Schøllhammer (2009), Beatriz Resende (2008), Helena Bonito Pereira (2011), Regina Dalcastagné e Virgínia Maria Vasconcelos Leal (2015), entre outros, sobre a literatura brasileira contemporânea é possível perceber que não existe o consenso de enquadramento teórico, ou o desenvolvimento de uma escola literária que determine as formas de produção, ao contrário. Os estudiosos destacam que a literatura produzida não é hegemônica, pois engloba em seu fazer múltiplas peculiaridades que podem retomar algumas características do passado, como outras que se reinventam enquanto produções.

Além desta multiplicidade do fazer literário contemporâneo, também são ressaltadas as formas de promoção e divulgação, uma vez que os meios digitais e de comunicação tornam-se responsáveis pela facilidade de acesso dos leitores às produções dos diversos escritores que surgem no contexto literário.

Inserida neste novo espaço da produção literária contemporânea encontra-se a escritora Paloma Vidal. De nacionalidade portenha, residiu no Rio de Janeiro desde os seus dois anos de idade, pelo fato de seus pais terem migrado da Argentina, seu país natal. Mesmo tendo passado toda sua infância e juventude no Brasil, optou por não se naturalizar brasileira (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2016).

Paloma Vidal é crítica, tradutora e professora de Teoria Literária da Universidade Federal de São Paulo, além de ser editora da revista literária *Grumo*. Graduada em Letras e Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro; com mestrado e doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Realizou pós-doutorado na Universidade Estadual de Campinas e na Universidade de Brasília. É interessante destacar que a formação acadêmica é um traço marcante no perfil das escritoras contemporâneas, pois assim como Paloma Vidal, também possuem titulação mínima de Mestre autoras como Adriana Lisboa, Tatiana Salem Levy, Conceição Evaristo, Maria Valéria Rezende, Daniela Beccaccia Versiani, entre outras.

A produção literária (contos e romances) de Paloma Vidal aborda a temática do movimento entre diferentes culturas e línguas, o estranhamento e o não pertencimento aos lugares e o descobrir-se enquanto sujeito social e cultural numa vida de mobilidades, caracterizando aspectos relacionados à sua biografia. Assim sendo, está diretamente ligada a suas experiências vivenciadas, tais como o deslocamento, a mobilidade cultural,



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

desterritorialidade¹, a migração e, conseqüentemente, a necessidade de conhecer e se reconhecer na trajetória de vida dos pais e avós, objetivando encontrar um sentido para a existência deste sentimento de não pertencimento aos lugares.

Publicou dois livros de contos, *A duas mãos* (2008) e *Mais ao Sul* (2008); dois romances, *Algum lugar* (2009) e *Mar azul* (2012), além de participar das antologias: *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* (2004), *Paralelos: 17 contos da nova literatura brasileira* (2004) e *A visita* (2005). Paloma Vidal também escreve ensaios de crítica literária e já tem duas produções com esta temática, sendo elas: *A história em seus restos: literatura e exílio no cone sul* (2004) e *Escrever de fora: viagem e experiência na narrativa argentina contemporânea* (2011).

Inserida no fazer literário contemporâneo brasileiro, Paloma Vidal apresenta uma produção com a presença de múltiplos narradores, que se interligam no decorrer dos enredos. A obra *A duas mãos* (2008) é composta por dez contos, sendo que nove são protagonizados por mulheres e somente um tem como protagonista uma pessoa do sexo masculino. Nenhum dos contos nomina seus personagens principais, demonstrando-os como anônimos neste grande universo literário, com suas vivências e angústias, tão rotineiras e cotidianas semelhante às de qualquer ser humano que convive em sociedade. São personagens que ganham visibilidade através dos contos e, principalmente, não são dotados de heroicidade, ao contrário, são pessoas simples, com vivências medianas e até medíocres, mas que têm a possibilidade de revelarem-se aos leitores.

As mulheres personagens são donas de casa, professoras, meninas/adolescentes se descobrindo na vida, pessoas comuns e simples no seu fazer diário que se apresentam com medos, angústias, amores, necessidades de mudança de vida, de tomada de decisão, enfim são seres humanos com seus pontos de franqueza e características de fortalecimento.

Outro aspecto que precisa ser mencionado é o formato dos contos, todos eles têm um parágrafo, onde os desdobramentos da trama irão ocorrer. Neste espaço, a pontuação é precisa, não se abre nenhum intervalo para a inclusão de temática desconhecida. É como se os contos bastassem em sua brevidade e, com isso, permitissem aos leitores, irem além, buscarem variadas interpretações; ou seja, é a leitura ampliando os horizontes da reflexão.

É interessante destacar que os contos apresentam um narrador onisciente, que tudo observa e comanda a narrativa, mas em uma leitura mais detalhada, percebe-se que este narrador, em algumas passagens, concede voz aos personagens e, em outros momentos, inclui-se na trama sob a forma do “nós”, conversando com o leitor e demonstrando seus medos e incertezas.

No conto *A ver navios* (2008), o enredo gira em torno de uma mulher, dona de casa, mãe de dois filhos, que desconfia da traição do marido e consegue encontrar forças para segui-lo e desvendar tal situação que está corroendo com sua existência. Em determinado momento, o narrador onisciente conversa com o leitor, de forma a se apresentar e dizendo o que pensa; vê-se que o narrador observa e relata, incluindo os seus sentimentos nestes dois atos.

Ela está sendo observada, sim. São os meus olhos que sobre ela se pousam. Sinto o que ela sente, vejo o que ela vê e deixo correr as lágrimas que ela reprime. Ela vai até a bilheteria e compra um ingresso. [...]. Vai morrer ali se não fizer alguma coisa. Eu teria caminhado lentamente até o lugar deles, segurando-me nas poltronas, e teria dito baixinho alguma frase corrosiva que resumisse todo meu ódio. Depois teria saído correndo, louca varrida, chorando e torcendo para que ele me seguisse. Mas nós não somos iguais (VIDAL, 2008, p. 18).

¹ “[...] o termo desterritorialização tanto está ligado à noção de deslocamento de um corpo/sujeito de um espaço/território físico para outro, como também relacionado à ideia de uma passagem que compromete laços, vínculos afetivos” (PARANHOS, 2010, p. 155).



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

É possível perceber que o narrador é uma mulher que se solidariza com o drama vivenciado pela personagem, mas ao mesmo tempo tem noção das diferenças que marcam suas personalidades. Desta forma, o narrador é um observador, tal qual o narrador informativo de Benjamin (2012), no entanto difere deste por emitir juízo de valor sobre as atitudes narradas e incluir-se na trama.

Caracteriza-se por ser um narrador que está no lugar intervalar, pois não é a personagem contando sua própria história, em primeira pessoa e, portanto, capaz de incluir-se no enredo, mas também não é simplesmente uma narrativa informativa, que coloca todo o foco da atenção no que está sendo contado. Esta especificidade de incluir-se na narrativa, de conversar com o leitor, é um aspecto presente na literatura brasileira, pois Jorge Amado² e Machado de Assis³ já se utilizaram deste recurso.

O narrador do conto *A ver navios* (2008) é característico do tipo de narrativa enfatizada por Ginzburg (2012) e Dalcastagné (2016), ao afirmarem que as narrativas da contemporaneidade não estão presas aos rótulos de classificação, inovam e reinventam-se, assim como os seres humanos inseridos numa sociedade multifacetada.

Outro exemplo da forma como Paloma Vidal explora o narrador em suas produções está no conto *A duas mãos* (2008), em que um caderno servirá para que duas mulheres escrevam e, com isso, troquem experiências de vida, uma delas é empregada e a outra é a filha da patroa. Neste conto, tem-se a presença de um narrador onisciente que, num dado momento, cede lugar aos personagens femininos para que estes continuem a narrativa, justificado pelos verbos em primeira pessoa, presentes nos relatos destas mulheres.

Com o caderno sobre o colo, leu o que a outra tinha escrito para ela. Você sabe que vou embora, minha mãe finge não perceber, mas você sabe, tenho certeza. Leu devagar cada palavra da moça. Dava para notar que ela estava agoniada. [...] (VIDAL, 2008, p. 47).

Como o próprio título destaca é uma construção a duas mãos, que tem como mediador desta produção um caderno e, consequentemente, um narrador que apresentará o contexto do enredo, permitindo que o leitor consiga refletir e saborear a leitura. Este narrador é hábil com o manejo das palavras e confere à trama uma fluidez e leveza no texto; utiliza-se da observação e também introduz no seu relato peculiaridades como a escrita no caderno. Nota-se a presença de um narrador multifacetado, isto é, incorpora elementos da narrativa informativa de Benjamin (2012), do narrador pós-moderno de Santiago (2002), mas também imprime uma característica nova, ao incluir a escrita das duas mulheres que trocam experiências de vida através das pautas do caderno. Qual é o objetivo deste narrador? Oferecer alguns ensinamentos? Algumas informações úteis? Não se pode afirmar, pois depende da interpretação que o leitor fará, não existe uma mensagem explícita no conto, o que existe são pistas, nesgas, vazios, que podem resultar em algumas reflexões e consequentes aprendizagens, mas a dúvida permanece, pois não existe um enquadramento fixo do narrador.

No conto *Genealogia* (2008), o narrador determinará as palavras para tentar conscientizar uma menina/moça de que precisa reagir perante as dificuldades e não adianta ficar se lastimando ou se fazendo de vítima. O título “genealogia” já remete a todos os sofrimentos e percalços pelos quais as mulheres passaram e continuam passando no decorrer dos tempos, faz-se uma retrospectiva das vivências femininas, informando o quanto é doloroso ser mulher. O narrador emprega uma linguagem impetuosa ao se dirigir à personagem e, em outros momentos, inclui-se no contexto da narrativa, conforme o expresso a seguir: “Você não sai do lugar. Não saímos do lugar” (VIDAL, 2008, p. 53), ou “Você se pergunta o que há para fazer, além de esperar que um disco voador caia sobre nossas cabeças” (VIDAL, 2008, p. 55).

O conto *Genealogia* (2008) é, ao mesmo tempo, informativo e reflexivo, pois ao colocar a mulher no centro das discussões e relacionar suas trajetórias vivenciadas e experienciadas

² Tieta.

³ *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

com a vida da protagonista, o narrador utilizou-se de alguns aspectos referendados por Benjamin (2012), como no caso da transmissão da sabedoria e, conseqüentemente, na possibilidade de oferecer algum tipo de orientação a quem está lendo. A oralidade não está presente no conto, mas isto não impede que os fatos narrados produzam desdobramentos que poderão ser percebidos a partir da leitura.

O narrador, como enfatiza Dalcastagné (2016), não tem o domínio de tudo que está sendo narrado, ele percorre a trama com incertezas, dúvidas, apresenta-se com medo e as palavras se revelam para destacar este descentramento com relação ao mundo e à vida. Trata-se de um narrador fragmentado, cuja fragilidade não é escamoteada ou desconsiderada, ao contrário, ela é o centro do conto, características também presentes no conto *Vidas futuras* (2008).

O conto *Vidas futuras* (2008), que encerra o livro *A duas mãos* (2008), apresenta uma narradora/protagonista questionadora de seu lugar no mundo, sua importância e reconhecimento. Esta mulher explora as diversas potencialidades de existência e não chega a nenhuma conclusão, somente levanta alguns questionamentos, pois não há uma resposta pronta ou uma solução definitiva para o que está posto. “Serei a mulher errante, com memórias entrecortadas de filhos e homens abandonados, aquela que ouve vozes e responde, lançando ao ar suas palavras sob o olhar abismado dos passantes” (VIDAL, 2008, p. 65). Esta narradora não oferece existência possibilidade de enquadrá-la nas definições de Benjamin (2012) e Santiago (2002), em que o narrador transmite algum tipo de sabedoria aos leitores, mas aproximá-la das discussões de Ginzburg (2012) e Dalcastagné (2016), pois é uma narradora que celebra o incompleto, o inconcluso, o fragmentado e o ambíguo, assim como os seres humanos contemporâneos, conforme Agamben (2009).

A coletânea de contos *Mais ao Sul* (2008) é composta por duas divisões, cujos títulos são *Viagens* e *Fantasmas*; dentro delas estão outras subdivisões que representam os contos efetivamente produzidos. Na primeira, há um conto com o mesmo nome, e este se divide em três partes; já em *Fantasmas*, tem-se nove contos, que mesclam a presença do narrador onisciente e em primeira pessoa.

As nomenclaturas viagens e fantasmas estão relacionadas com as histórias abordadas, uma vez que os contos têm como protagonistas mulheres transitando por lugares como Rio de Janeiro e Buenos Aires; enquanto revisitam o passado de seus familiares em busca do entendimento de suas subjetividades; vivendo conflitos, encontros, desencontros, amores e decepções. São personagens tentando se equilibrar e encontrar sentido para sua existência.

O conto *Viagens* (2008), integrante da coletânea *Mais ao Sul* (2008), apresenta uma narradora tentando reconstruir a trajetória de vida dos seus avós e pais, como forma de entender sua vida. Utiliza-se de uma forma de narrativa com elementos autoficcionais⁴, isto é, a personagem/narradora não tem nome e encontra-se num momento de reflexão sobre sua existência, numa espécie de errância e não pertencimento. Busca entender as transformações que permeiam sua existência com a de seus familiares, objetivando estabelecer sentido para a vida e a consequente descoberta enquanto ser humano.

O caráter autoficcional está diretamente ligado aos elementos comuns existentes entre a escritora e a protagonista/narradora, isto é, ambas têm origem portenha, ainda pequenas se mudam para outro país com seus pais, realizam viagens de estudos e não se sentem pertencentes a nenhum lugar, pois estão na dúvida entre serem argentinas ou brasileiras. “Quando me perguntavam sobre minha nacionalidade dizia que era uma falsa argentina” (VIDAL, 2008, p. 46).

Sua construção se caracteriza como um conto memorial, pois a memória da

⁴ Adota-se a concepção de Figueiredo (2013, p. 66) para a definição de autoficção, pois no seu entender “[...] a tendência hoje é se considerar autoficção sempre que a narrativa indicar que se inspira nos fatos da vida do autor. Em relação ao nome do protagonista, ele tanto pode coincidir com o nome do autor (ou algum apelido), como pode ser ausente”. A autoficção seriam narrativas descentradas, fragmentadas, com sujeitos instáveis que dizem “eu” sem que se saiba exatamente a qual instância enunciativa ele corresponde (FIGUEIREDO, 2013, p. 61).



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

protagonista/narradora será o fio condutor da narrativa a perpassar a existência dos avós, dos pais e da própria narradora. Narrado em primeira pessoa, constitui-se em três partes, compostas por fragmentos memoriais que não precisam ser lidos de forma cronológica, uma vez que as narrativas se configuram como independentes, sendo que, no conjunto, é possível identificá-las como pertencentes a um único conto. Desse modo, consegue acessar informações peculiares a respeito de sua origem, encontrando sentido e subsídios para compreender e (re)descobrir sua trajetória existencial.

As características presentes na narradora/personagem são constituídas de alguns aspectos ligados ao conceito formulado por Santiago (2002) com relação ao narrador memorialista, quando enfatiza a busca por um passado a partir do presente, mas diferencia-se significativamente no momento em que a narrativa não se destina a demonstrar a experiência adquirida pelo narrador. A narradora irá revisitar um passado a partir das informações e vivências de seus ancestrais, deixando em segundo plano sua experiência de vida, pois não há uma preocupação em transmitir conselhos ou ensinamentos, a grande motivação é revisitar o passado e nele buscar informações pertinentes à realidade.

A narradora/personagem realiza “viagens”, objetivando o entendimento da migração e errância, assim como sua compreensão enquanto indivíduo e descobrir que o sentimento de não pertencimento está ligado à ancestralidade familiar.

Já o romance *Algun Lugar* (2009), centra sua temática no estranhamento, errância e deslocamento, tanto nos aspectos ligados à intimidade da protagonista, bem como naqueles relacionados ao espaço geográfico dos lugares. A protagonista caracteriza-se por ser uma mulher sem nome que escreve suas vivências, experiências e inquietações ao mudar-se com o marido para Los Angeles, com o propósito de realizar sua pesquisa de doutorado e, conseqüentemente, a escrita da tese. O romance foi semifinalista do Prêmio São Paulo de Literatura, em 2010, e tem a estrutura semelhante a um diário, embora não se apresentem datas dos fatos narrados, mas apenas uma ordem cronológica perceptível através da leitura dos fragmentos.

O romance é narrado em primeira, segunda e terceira pessoa, demonstrando uma especificidade no desenvolvimento da narrativa, pois não busca um distanciamento entre escritor e leitor, ao contrário, a escrita objetiva mesclar os elementos reais vivenciados e ficcionados pela escritora, com a possibilidade de identificação dos leitores. Em determinado momento do romance, a narradora/protagonista menciona, a partir da leitura de Benjamin, que “[...] a subjetividade e a crítica são uma coisa só porque se entende que a vida e o trabalho são uma coisa só” (VIDAL, 2009, p. 25). É uma maneira de deixar claro que tudo pode virar escrita e esta é “[...] capaz de condensar a experiência” (VIDAL, 2009, p. 25).

Experiência demonstrada nas temáticas que o romance enfoca, tais como a migração, o exílio, busca pelo pertencimento, desterritorialidade, isto é, o sentir-se no entre lugar, no interstício. Questionamentos vão pautando a escrita e não oferecem uma resposta pronta, pois a protagonista reflete sem chegar a uma conclusão final, sempre há uma inquietação pairando na narrativa. Dentre elas, pode-se mencionar: “Será nossa viagem mais uma versão do sonho americano?” (p. 23), “Você acha que vamos conseguir ficar?” (p. 32), “O que você tinha imaginado?” (p. 35), “Você diria que é um imigrante?” (p. 48), “O que será que vamos guardar de tudo isso?” (p. 56), “Você diria se não fizesse mais sentido?” (p. 69), “Você em algum momento imaginou o retorno?” (130), “Você se lembra de como era antes dele?” (VIDAL, 2009, p. 146⁵).

O narrador presente no romance *Algun Lugar* (2009) é reflexo da produção literária contemporânea, isto é, uma narrativa que não se apresenta com um herói, uma mocinha e um bandido, e sim se propõe a estampar o incompleto, o inconcluso, o diferente, o fragmentado, o inacabado. É um narrador que não tem a preocupação de demonstrar ou transmitir conhecimentos, ao contrário, seu principal objetivo é evidenciar o quanto sua narrativa é falha e imperfeita que não se enquadra em nenhuma determinação ou definição estabelecida,

⁵ Optou-se por inserir o nome da escritora na última citação referente ao romance *Algun Lugar* para evitar repetições.



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

configurando-se como aberta ao novo, ao desconhecido, ao desbravar-se, ao revelar-se, ao descobrir-se, ao expor-se sem objetivar um julgamento ou uma ordenação. É o simples ato da linguagem abrindo espaço para o inesperado, o novo e o inovador.

A narrativa de *Algum Lugar* (2009) segue um fluxo contínuo e não se encerra com um desfecho final, ao contrário, a narradora/protagonista conduz a trama de modo que os questionamentos anteriores não sejam resolvidos e que outros sejam adicionados a eles, propiciando ao leitor acompanhar a fluidez do tempo e os desdobramentos que irão acrescentando novas tramas e histórias ao grande enredo. É como se a narradora transportasse para o livro o modo como as pessoas vão transformando suas vidas e, muitas vezes, não resolvem seus impasses e questionamentos, seguem em frente, somente tentando viver com a realidade que lhes é apresentada.

Estas percepções encontram respaldo na fala de Paloma Vidal, ao responder um questionamento sobre sua produção: “Faço questão de deixar o texto me levar quando estou trabalhando e, de repente, aparecem coisas esquecidas, ocultadas, desconhecidas até. É muito impressionante” (GHETTI, 2016, [s.d]).

Incorporando elementos da vivência e experiência, Paloma Vidal tece com palavras as narrativas contemporâneas, conferindo-as características ímpares, rompendo com os cânones e, principalmente, demonstrando que o fazer literário é múltiplo em sua constituição e não suporta enquadramentos.

No segundo romance, *Mar Azul* (2012), mostra o cotidiano de uma mulher que resolve escrever para estabelecer contato com sua memória e com a de seu pai. “Isto não é um diário, nem uma carta, nem uma autobiografia, nem qualquer outro modo de escrita íntima. Só escrevo porque ele escreveu do outro lado” (VIDAL, 2012, p. 74), como se a narradora objetivasse contar sua história de vida através da escrita já produzida pelo pai.

Nesta mescla entre o que já foi escrito e o que a narradora está produzindo emerge uma espécie de escrita palimpsestica⁶, isto é, uma escrita em cima de outra escrita, revelando aspectos e permitindo uma descoberta de si própria e também uma (re)descoberta do pai. Escrever no verso do papel possibilita uma originalidade, mas também uma identificação com o que já foi escrito.

Esta narradora não está preocupada em transmitir ensinamentos ou demonstrar que, no momento da narrativa, estava madura e acumulou conhecimentos ao longo do tempo, conforme menciona Santiago referindo-se ao narrador memorialístico. No romance *Mar Azul* (2012), a narradora tem a preocupação com seu interior, sua existência e subjetividade, não interessando qual mensagem deixará transparecer aos leitores. É uma narradora que se situa no entre lugar (BHABHA, 2013; SANTIAGO, 2000) e busca o encontro consigo e com seus entes queridos, o pai e a amiga. É uma narradora egoísta cuja importância está na sua condição de pessoa incapaz de compreender sua existência e seu deslocamento interno e externo.

Em entrevista sobre a produção de *Mar Azul* (2012), Paloma Vidal destacou que: “Neste livro, a personagem não sou eu, nem o pai dela é meu pai, mas há perguntas que ela se faz que são perguntas minhas; há problemas, impasses, fantasias que são meus” (GHETTI, 2016, [s.d.]).

Uma peculiaridade neste romance chama a atenção dos leitores, pois ele inicia com um diálogo entre duas amigas, é uma espécie de prólogo, que permite apresentar a temática a ser abordada, como também já deixa pistas muito nítidas do tipo de narradora/personagem a ser encontrada no romance.

Cabe ressaltar que os diálogos são curtos e intensos, reservando as 17 primeiras páginas para acontecimentos e situações vivenciadas pelas duas amigas adolescentes, que moram juntas e dividem confidências. Neste diálogo, emerge a protagonista do enredo, uma

⁶ A escrita palimpsestica refere-se à presença dos vestígios e rastros deixados pelo pai da narradora no papel, sendo que não há uma sobreposição de escrita, mas um reaproveitamento do papel já utilizado no verso, permitindo que a escrita do pai emergja no momento da nova escrita.



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

menina que foi abandonada pelo pai e vai morar com a mãe de sua amiga. Neste trecho do livro não há presença de narrador, pois o diálogo entre as duas informa o leitor dos acontecimentos e situa que são as duas personagens que falam.

- Todo mundo já implica comigo mesmo, não vai fazer muita diferença.
- Você se exclui.
- Nem vem, você sabe que eu nunca fiz parte.
- Porque você não se esforça.
- Porque eu não tenho nem pai nem mãe (VIDAL, 2012, p. 11).

Neste diálogo já é possível perceber uma das temáticas que será abordada na trama, a questão do não pertencimento, sentir-se fora do lugar, tema bastante presente nas demais narrativas de Paloma Vidal.

Da mesma forma que o livro inicia com um diálogo, assim também ele se encerra. E após a narradora ter rememorado vários acontecimentos de sua vida e também ter reestabelecido um contato com o pai, já morto, através dos seus cadernos de memórias, finaliza o romance com a indicação de que ela escreveria uma peça, por solicitação da amiga, para encenar na escola. Desta forma, a narradora/protagonista, depois de adulta e já com uma certa idade, poderá registrar suas memórias no verso das folhas dos cadernos ocupados pelo seu pai. “Escrevo no verso das suas folhas. Minha tinta se confunde com a dele” (VIDAL, 2012, p. 69).

Ao não nominar seus personagens principais, Paloma Vidal está conduzindo os leitores por uma seara indefinida, múltipla e capaz de proporcionar os mais variados resultados, dentre eles, o de que algumas tramas narradas poderiam ocorrer com qualquer pessoa, não importando, na contemporaneidade, a nomenclatura, mas a vida e todas as suas formas de expressão e convivência. Nota-se um jogo dialético entre o esconder e o revelar, o completo e o inacabado, a verdade e a mentira, a realidade e a ficção; pois o narrador, ao mesmo tempo em que não aborda a dimensão, contexto e transformações totalitárias, também não detalha as especificidades que compõem a personalidade e individualidade do personagem. Tudo é dúbio e nebuloso, não existe uma preocupação em proporcionar certezas.

3. Metodologia

A metodologia adotada neste artigo é a pesquisa bibliográfica, a ser realizada em diversas obras publicadas que enfocam o tema em estudo, bem como artigos de revistas, impressos e em endereços eletrônicos, como forma de se obter um amplo e consistente embasamento sobre a temática desenvolvida.

4. Considerações Finais

A produção de Paloma Vidal situa-se no fazer literário contemporâneo, onde o ser intempestivo está presente (AGAMBEN, 2009), as inquietações são pulsantes, a produção literária não oferece verdades absolutas, e a heroicidade cedeu lugar para a dúvida, a incerteza, o incompleto; onde o narrador não tem mais uma visão total do enredo e não mais detém todos os conhecimentos sobre os personagens, assim como a narrativa não se apresenta de forma linear, com começo, meio e fim, mas de maneira fragmentada, quebrada, estilhaçada, cabendo ao leitor estabelecer as conexões (GINZBURG, 2012; DALCASTAGNÉ, 2016). O escritor, narrador e personagem desta literatura “*palomística*” se apresentam intercruzados, uma vez que as experiências de vida da escritora fazem-se presentes nas narrativas e nas vozes de quem narra e protagoniza o enredo. Não se pode afirmar que sua literatura seja uma cópia da realidade, uma mimese, mas pode-se depreender que a realidade e a ficção se misturam, transmutam-se e metamorfoseiam-se em uma produção literária que reflete o contemporâneo.



**SEFIC2017
UNILASALLE**

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

O narrador presente em suas produções é aquele que não está preocupado em apresentar uma trama heroica, maniqueísta, clássica, ao contrário, seus personagens demonstram fraquezas, incertezas, são frágeis em alguns momentos, mas, principalmente, repletos de vida e dúvidas de como viver esta fração de tempo e como desfrutá-lo na sua integridade, embora conscientes de suas limitações no tempo e no espaço. Este narrador não se enquadra nas especificações de Benjamin (2012) ou Santiago (2002), porém os tipos reforçados pelos teóricos servem de horizonte para demonstrar o quanto a narrativa contemporânea é constituída da dúvida, do não pertencimento, do estar constantemente se questionando sobre o que é real e o que vem a ser imaginação, ilusão, delírio. O conceito de lugar intersticial ou intervalar (BHABHA, 2013; SANTIAGO, 2000) serviu para demonstrar que um novo espaço de reflexão surge de forma impetuosa e capaz de provocar uma revisão nos conceitos já consolidados, pronto a fazer desabrochar novos conhecimentos e aprendizagens capazes de promover o enriquecimento epistemológico.

A narrativa contemporânea utiliza-se da memória para revisitar o passado, embora não tenha o objetivo de retirar ensinamentos ou lições de vida, busca através desta rememoração e esquecimentos um encontro com a ancestralidade e uma identificação para suas angústias e incertezas no presente. O passado revisitado não é para demonstrar na narrativa que o personagem adquiriu experiência e, com isso, pode repassar alguns conhecimentos e ensinamentos; ao contrário, serve como busca individual de pertencimento e meio para conseguir suportar as incertezas do presente, desse modo, passado e presente se fundem no contemporâneo.

Paloma Vidal tem a maestria em conduzir sua narrativa de forma a proporcionar aos leitores este embate com as temáticas contemporâneas, como, por exemplo, conceder voz, poder de atitude e reflexão para as mulheres, que há pouco eram figuras secundárias nos romances e contos. Estas mulheres são narradoras, personagens protagonistas e estão inseridas em tramas e enredos que envolvem situações peculiares do universo feminino, tais como traição, relação mãe e filhos, trabalho feminino, enfim, assuntos inerentes ao universo feminino inter cruzadas com o masculino.

A preponderância com a temática feminina confere à narrativa de Paloma Vidal um olhar ao que não está visível, encoberto por uma leve nebulosidade, pois está relacionado ao subjetivo, à esfera íntima, ao domínio do privado, sem esquecer ou abandonar o contexto social exterior. É através deste olhar investigativo e aguçado, aliado a sua experiência enquanto mulher, que a autora transforma em produção literária o ser feminino contemporâneo.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2.ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras Escolhidas v. 1).

DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. **Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea**. Porto Alegre (RS): Zouk, 2015. (Estudos de Literaturas Contemporâneas).

_____. Personagens e narradores do romance contemporâneo no Brasil: incertezas e ambiguidades do discurso. In: **Diálogos Latinoamericanos**. Disponível em:



SEFIC2017
UNILASALLE

**A PESQUISA E O
RESPEITO À DIVERSIDADE**

16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017

ISSN 1983-6783

<http://lacua.au.dk/fileadmin/www.lacua.au.dk/publications/3_di_logos_latinoamericanos/5aregina-unb-personagens.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2016.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Paloma Vidal**. Disponibilidade em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa101609/paloma-vidal>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Mulheres ao espelho**. Autobiografia, ficção, autoficção. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

GHETTI, Bruno. **Memória e origens voltam a tematizar obra de Paloma Vidal**. Disponibilidade em: <<http://www.saraivaconteudo.com.br/Entrevistas/Post/46502>> Acesso em: 12 jun. 2016.

GINZBURG, Jaime. O narrador na literatura brasileira contemporânea. In: **Tintas. Quaderni di letteratura iberiche e iberoamericano**, 2 (2012), p. 199-221. Disponível em: <<http://riviste.unimi.it/index.php/tintas/article/view/2790/2999>>. Acesso em: 12 jun. 2016.

PARANHOS, Ana Lúcia Silva. Des(re)territorialização. In: BERND, Zilá *et al.* **Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos**. Porto Alegre: Literalis, 2010. (p. 147-166).

PEREIRA, Helena Bonito (org.). **Novas leituras da ficção brasileira no século XXI**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. Ensaio sobre dependência cultural. 2.ed. Rio de Janeiro, 2000. (p. 09-26).

_____. O narrador pós-moderno. In: SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra: ensaios**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. Coleção contemporânea.

VIDAL, Paloma. **A duas mãos**. 2.ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

_____. **A história em seus restos: literatura e exílio no cone sul**. São Paulo: Annablume, 2004.

_____. **Algum lugar**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

_____. **Escrever de fora: viagem e experiência na narrativa argentina contemporânea**. São Paulo: Lume editor, 2011.

_____. **Mais ao sul**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2008. (Coleção ponta-de-lança).

_____. **Mar azul**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.